

O IDEAL DO EU: A IDENTIDADE NARCISISTA E O CIBERESPAÇO TANTO EXTRATEXTUAL QUANTO INTRATEXTUAL A PARTIR DO CONTO “MY HUSBAND ON FACEBOOK”

Laissy Tainã da Silva Barbosa– Yssial@hotmail.com

Mestranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras
UFRGS

Lis Yana de Lima Martinez– yana.flafy@gmail.com

Doutoranda e Mestre em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em
Letras UFRGS

RESUMO: A era digital tem propiciado mudanças nos hábitos dos sujeitos na contemporaneidade, pois a interação virtual foi facilitada, ora como benefício, ora como malefício para a sociedade. Nesse sentido, tornou-se cada vez mais necessário pesquisar as relações e implicações da comunicação rápida e fácil por meio do ciberespaço e o modo como a literatura reage as novas tecnologias. O conto “My husband on Facebook”, relata acontecimentos contextualizados nas relações reais da sociedade contemporânea com as novas tecnologias ao mesmo tempo em que o próprio conto, em meados dos anos 2000, fora disponibilizado on-line pelo escritor. Como mídia, a literatura representa e age rivalizando e se adaptando às novas tecnologias digitais. O conto demonstra, pelo primeiro canal e por sua temática, a relação ainda do ser com a internet. O presente artigo tem como objetivo discutir, pensando a questão midiática, a identidade narcisista e o ciberespaço tanto extratextual quanto intratextual a partir do conto escrito por Richard J. Parise. Destarte, revisita-se brevemente a questão midiática e o mito de Narciso.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberespaço; Midialidade; Narcisismo; Identidade.

1 INTRODUÇÃO

O mundo como nós conhecíamos mudou. Segundo Jana Hart’anská (2012), vivemos em um momento de permanente mudança e turbulência em todos campos de atividade humana: num mundo caracterizado pelo rápido desenvolvimento de mais e mais tecnologias sofisticadas que exercem impacto direto em nossas vidas cotidianas. Como dito em texto anterior, com as novas tecnologias surgiram novas exigências para a criação e reinvenção das mídias. A era digital exerceu influências diretas e indiretas na criação literária e nas possibilidades de diálogo entre literatura e outras mídias. Nas últimas décadas, foi possível criar um grupo inteiro de aplicativos interativos, como leitores de texto mecânicos, aplicativos de leitura interativa, nos quais o leitor escolhe os caminhos que o personagem deve levar durante a história (MARTINEZ, 2017, p. 162). Hoje, a

literatura como bem cultural que é empregada ferramentas tecnológicas como oportunidade para alcançar mais leitores.

Os autores costumavam usar diferentes maneiras de escrever e publicar suas histórias, desde uma coluna em um jornal diário até um e-book e, atualmente, blogs e sites específicos. Abajoulade pontua que “we marvel at how the Internet can connect us with so many individuals who share an esoteric interest we thought nobody else could have”¹ (2011, p. 16).

Assim, segundo Xavier Frías Conde e Alfonso López (2012), para discutir a literatura contemporânea, seria imprescindível situar os diferentes modos pelos quais a literatura pode ser disponibilizada aos leitores. Os autores propõem a seguinte divisão por tipo de suporte:

1. Conventional Literature is traditional literature whose vehicle is paper.
2. Digital Literature doesn't have paper as its vehicle, but electronic devices, such as e-readers, tablets, notebooks, etc.
3. Cyber-literature, published just on the net, so that texts are to be found just online, where its main but not only vehicle is the blog² (CONDE; LÓPEZ, 2012, p. 17).

Todavia, os próprios autores afirmam que “all of these formats can be exchangeable. This means that a literary text created in one of them can be exported to another one”³ (CONDE; LÓPEZ, 2012, p. 17), assim como o texto que trazemos como *corpus* de aplicação deste artigo que, inicialmente, foi publicado em Authorsden.com, uma comunidade literária da web, agora se encontra em formato de livro impresso.

A partir da expansão da internet, tornou-se cada vez mais necessário pesquisar as relações e implicações da comunicação rápida e fácil, assim como publicações literárias no ciberespaço. Pensando a questão midiática, este artigo visa a identidade narcisista e o ciberespaço tanto extratextual quanto intratextual a partir do conto “My husband on Facebook”, escrito por Richard J. Parise.

2 NARCISO E O CIBERESPAÇO

O mito grego de Narciso é sobre um homem que tinha uma beleza magnífica e se apaixonou por seu reflexo na água. Roudinesco e Plon (1998) narram o mito de Narciso entrelaçado

¹ “nos maravilhamos com a forma com a qual a internet pode nos conectar com tantos indivíduos que compartilham um interesse esotérico que pensamos que ninguém mais poderia ter” (nossa tradução)

² “1. Literatura convencional é literatura tradicional cujo veículo é papel. 2. A literatura digital não tem papel como seu veículo, mas dispositivos eletrônicos, como leitores eletrônicos, tablets, notebooks, etc.

3. Ciber-literatura, publicada apenas na internet, para que os textos sejam encontrados apenas on-line, onde seu veículo principal é, mas não apenas, o blog” (nossa tradução).

³ “Todos esses formatos podem ser trocados. Isso significa que um texto literário criado em um deles pode ser exportado para outro” (nossa tradução).

com o de Eco, uma ninfa que se dedicava às distrações campestres. Eco costumava falar em demasia e queria sempre dar a última palavra em todos os assuntos. Certo dia, Eco encobriu a traição de Júpiter, marido da deusa Juno, com as ninfas e, a deusa, enfurecida, castigou-a em apenas responder à chamados com a última palavra enunciada, nunca podendo iniciar uma conversa (BULFINCH, 2002).

Após algum tempo, Eco se apaixonou por Narciso, um belo jovem, filho do deus Céfiso e da ninfa Liríope, mas ele a desprezou, assim como todas as outras ninfas que devotaram a ele seu amor. Entretanto, o desprezo de Narciso não ficou impune. Eco pediu aos deuses que um dia ele soubesse o que era amar e não ser correspondido, e a deusa da vingança Nêmeses a atendeu. Assim, Narciso fatigado, em uma de suas caças, chegou à uma fonte com águas claras onde debruçou-se para matar a sede, de modo que viu sua imagem refletida na água. Narciso pensou que fosse um belo espírito que habitasse o fundo das águas, ficou contemplando “(...) os olhos brilhantes, para os cabelos anelados como os de Baco ou de Apolo, o rosto oval, o pescoço de marfim, os lábios entreabertos e o aspecto saudável e animado do conjunto” (BULFINCH, 2002, p. 124) e apaixonou-se por si mesmo. Ele tentava alcançá-lo, mas em vão.

Por causa das tentativas frustradas de aproximação com o ser amado, Narciso foi emagrecendo e enfraquecendo-se, perdendo a característica: a beleza estonteante. O jovem morreu e na fonte foi encontrada uma flor que simboliza o mito ao longo dos anos.

Roudinesco e Plon (1998) apontam que o termo narciso foi usado até o século XIX para referenciar a perversão sexual por si mesmo. Entretanto, foi Freud quem desenvolveu teorias acerca do tema. Ele retratou o homossexualismo – sem usar o termo homossexualismo, mas invertidos -, como a busca pelo semelhante para amar. Alegou, também, que existe um narcisismo primário entre as pessoas. Na contemporaneidade, é notável que uma onda narcisista está entrelaçada à sociedade (e a entrelaçando), potencializada pelas redes sociais e aplicativos no ciberespaço.

Segundo Dan Kuehl (2009), o ciberespaço seria um sitio operacional abalizado pelo emprego do espectro eletromagnético em conjunto com a eletroeletrônica que tem por objetivo a criação, o armazenamento, a modificação e a troca de informações através de redes conectadas e codependentes. Dentro dessas múltiplas conexões, conhecer alguém é mais do que saber o nome ou o lugar onde a pessoa vive, porque a subjetividade está sempre além de nós e nos modifica em todas as situações experimentadas. Assim, dizer que sabemos quem alguém é no mundo virtual é muito mais complicado, uma vez que o *networker* social dos usuários pode ser qualquer um e adquirir personalidades diferentes como identidade narcisista, um conceito psicanalítico criado a partir de

Narciso. Em geral, o problema a ser pesquisado é o impacto das redes sociais na vida das personagens, considerando um possível desenvolvimento de personalidade dividida.

No ciberespaço, “Quem eu sou” depende de “Quem eu acho que sou” ou “Como eu quero que os outros me vejam”. Na verdade, para os amigos *on-line*, a única maneira de manter contato com o proprietário da página da rede social é feita por atualizações baseadas em textos, mensagens, áudios e imagens escolhidas pelo proprietário do perfil.

Então, podemos apresentar neste trabalho a ideia de identidade de Hall

(...) Identity are never unified, and in late modern times, increasingly fragmented and fractured; never singular but multiply constructed across different, often intersecting and antagonistic discourses, practices and position and are constantly in the process of change and transformation⁴. (2000, p.17)

O sujeito narcisista não suportaria ser um ser/ter uma vida comum. A realidade virtual pode ter vários tipos de impacto em relacionamentos, familiares e amigos. Woodward (2012, p.21) diz que a homogeneidade feita pelo mercado global pode mudar a identidade de sua própria cultura e criar novas identidades. Na verdade, a discussão sobre quem eu sou, quem eu poderia ser e quem eu quero ser tornou-se mais forte. Muskat (1986, p.28) diz que a razão pela qual a identidade se define e se redefine é a tentativa, a mudança do mundo e nossas próprias necessidades em cada momento da vida.

Levando em consideração que as redes sociais permitem a criação de *personas*, o papel público ou a personalidade que uma pessoa assume, ocorre a criação de personagens com diferentes identidades no ciberespaço. Essas *personas* às vezes não têm conexão com a realidade.

Given these advantages, having a virtual persona can be like acquiring the proverbial third hand: it empowers the person sitting at the computer desk and can even serve as an incentive to become more assertive, effective and efficient offline as well⁵ (ABAJOU LADE, 2011, p. 21).

O questionamento acerca da ideia de construção de identidade virtual é relevante no conto “My husband on Facebook”, pois tal como Abajoulad (2001) afirma, se uma pessoa possui tendências narcisistas, na contemporaneidade ela não ficará se autocontemplando em frente à um espelho, mas passará longas horas nas redes sociais postando uma configuração de vida glamorosa, tendo em vista os comentários, compartilhamentos e perpetuação de sua história.

⁴ “A identidade nunca está unificada, e no final dos tempos modernos, cada vez mais fragmentada e fraturada; nunca singular, mas se multiplica construído em diferentes discursos, práticas e posições diferentes, muitas vezes interceptando e antagonistas e estão constantemente em processo de mudança e transformação” (nossa tradução).

⁵ “Dadas essas vantagens, ter uma personalidade virtual pode ser como adquirir a terceira mão proverbial: ele habilita a pessoa sentada na mesa do computador e pode até servir como um incentivo para tornar-se mais assertivo, eficaz e eficiente offline também” (nossa tradução).

3 “MY HUSBAND ON FACEBOOK”: O RELACIONAMENTO ENTRE EMMA E FRED

Richard J. Parise, autor de “My husband on Facebook”, viveu em Massachussets e foi professor na escola secundária. Depois de aposentado, ele escreveu contos e histórias humorísticas. A influência da internet na vida de estudantes, trabalhadores e todo tipo de pessoas tornou-se história. Em alguns contos as pessoas estão desesperadas por um relacionamento, mas mais desesperadas com a ideia de terem um relacionamento com alguém, o que pode ser o principal motivo para que milhares de pessoas estejam *on-line* dia após dia. Considerando que, o contador de histórias usa o mundo virtual para descrever fatos que às vezes realmente aconteceram na vida real.

No conto “My husband on Facebook”, há um casal chamado Emma e Fred e a mulher tem um Facebook. Ela tem muitos amigos, todas mulheres e por isso ela permanece muito tempo na rede social. Seu marido nunca gostou de manter relações com pessoas virtuais antes, mas um dia ele decidiu criar sua própria conta e a convidou para que eles se tornassem amigos. Quando ele fez isso, sua esposa ficou indignada e passou a não publicar mais nada. No geral, Emma prefere se abster (ela não faz atualizações em sua conta) para o marido não comentar na rede social.

As redes sociais são mais utilizadas para a pessoa cuidar de sua própria imagem pública e para ver como os outros reagem a ela. Há um precipício entre *o que penso sobre mim* e *o que os outros pensam*. Com base nisso, podemos introduzir o princípio de Face de Goffman que diz “Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados” (WILSON, 2011, p. 97).

No mundo virtual, jovens e adultos possuem um mundo onde todos podem ser felizes, bonitos, inteligentes, perfeitos e com vários lugares para se divertir. A leitura do conto “My husband on Facebook” pode ser lido como uma representação da contemporaneidade, considerando a frequência de acesso e auto-adoradores nas redes sociais. O problema envolvido no conto é a relação entre a esposa e suas centenas de amigos porque ela está construindo uma identidade no Facebook diferente de sua vida real e essa identidade está a bloqueando para fazer atualizações em seu perfil por causa da possibilidade de seu marido, alguém que provavelmente sabe muito sobre ela, veja as atualizações e reconheça que ela está mentindo.

Com uma identidade virtual, é possível ter liberdade para agir de modo menos tímido, para dizer seus próprios pontos de vista sem pôr em perigo seu rosto, ou se expor a “amigos” da melhor forma. Assim, é possível inferir que a esposa é narcisista, usa redes sociais como forma de projetar sua vida, o melhor perfume, a melhor casa e até mesmo o melhor relacionamento com seus amigos.

Roudinesco e Plon (1998, p. 532) no dicionário de psicanálise afirma que “o narcisismo constitui, desde o texto de 1914, o primeiro esboço do que viria a se transformar no ideal do eu.”

O acesso às diversas redes sociais disponíveis torna possível o aumento da cultura narcisista, pois alarga o número de auto-adoradores. Assim

The result of all these online interactions is the unwitting creation of an identity, a virtual whole that is greater than its parts and that, despite not being real, is full of life and vitality. Unfettered by old rules of behaving, social exchange, etiquette, or even netiquette, this virtual personality is more assertive, less restrained, a little bit on the dark side, and decidedly sexier. (...) In many cases, the virtual version nicely complements the actual person and act as an extension of his real-life persona⁶. (ABAJOULADE, 2011, p. 20)

Emma afirma que seu círculo de amizades é constituído por mulheres. Com base nisso, também é possível que haja uma certa competição entre elas. De acordo com ela, seu círculo de amizades se baseia num mundo onde a pretensão deve ser “thinner, more popular, and more successful than we really are⁷”. (ABAJOULADE, 2011, p. 21). Outra característica que Emma resalta em seu círculo de amizades é que o Facebook (assim como outras redes sociais) tornou a fofoca aceitável, seja ela entre o grupo ao qual ela está inserida, ou comentários sobre famosos.

Esse tipo de competição está diretamente relacionado com os aspectos narcisistas no conto. No entanto, as pessoas na vida real podem ter o mesmo comportamento. Quando alguém costumava publicar coisas sobre sua própria vida privada que veem a postagem, podem comentar, compartilhar ou (não). Usando essas ferramentas, seu suposto amigo pode ampliar o aspecto narcisista, dizendo boas coisas sobre o post. No entanto, há outro lado. Seu suposto amigo pode fazer piadas e dizer coisas que não serão boas para sua imagem pública. As ferramentas de redes sociais existem em um ciberespaço com o pressuposto de que elas serão vistas. A imagem pública do “eu” em qualquer página da Internet é para o “outro” que basicamente pode ser qualquer um. Assim, podemos entender as ferramentas nas redes sociais, como uma reconfiguração da intimidade no ciberespaço.

Ambos os tipos de comportamento geralmente acontecem, porque quando comentamos sobre alguém que está longe e há uma intermediação da Internet é mais fácil. “The lack of true status differential in cyberspace also encourages disinhibition⁸” (ABAJOULADE, 2011, p. 42) De fato, o problema no ciberespaço é que o sujeito que usa redes sociais tem a necessidade da aceitação de “amigos” e usa a plataforma para aparentar a melhor imagem que ela/ele tenha. Nessa

⁶ “O resultado de todas essas interações on-line é a criação involuntária de uma identidade, um todo virtual que é maior do que suas partes e que, apesar de não ser real, está cheio de vida e vitalidade. Sem restrições por velhas regras de comportamento, intercâmbio social, etiqueta ou mesmo etiqueta, essa personalidade virtual é mais assertiva, menos restrita, um pouco do lado negro e decididamente mais sexy. (...) Em muitos casos, a versão virtual complementa bem a pessoa real e atua como uma extensão de sua personalidade da vida real” (nossa tradução).

⁷ “mais fino, mais popular e mais bem-sucedido do que realmente somos” (nossa tradução).

⁸ “A falta do princípio de verdade diferencia o ciberespaço, assim como incentiva a desinibição” (nossa tradução)

perspectiva, aparece inúmeras vezes o pronome ‘I’ no conto. Considerando a sociedade capitalista que vivemos, este pronome se destaca nas relações sociais. Emma usa os verbos que sugerem posse: ‘I’ve been’, ‘I’ve accumulated’, ‘I’d need’, ‘We’ve had posting’, por exemplo, o que reafirma o narcisismo de Emma.

Fiorin discute sobre pronomes pessoais e sublinha que “We” não significa “I” no plural, mas uma extensão, uma pessoa estendida. Mesmo quando Emma emprega “We” no conto, isso faz referência primeiro a ela e depois a seus amigos. Dessa forma, a personagem mantém o pronome principal: “I”.

Abajoulade destaca a presença do pronome pessoal I. Ele afirma que:

(...) the ‘I’ is omnipresent in cyberspace and in what is now being appropriately called ‘personal media’. From ‘ITunes to ‘IPod to ‘IPhone, the entire digital world, and not just Apple, is at the disposal of the first-person singular pronoun⁹. (2011, p. 69)

Emma já estava há muito tempo no Facebook e, durante esse período, ela recebeu um pedido de amizade de Charles Daniels, que ela pensava ser um famoso violinista. No entanto, ele era apenas o marido de Theresa Pope, uma antiga colega da escola. Emma ficou desapontada quando soube.

Embora Charles Daniels seja parte do passado de Emma, é comum ver pessoas anônimas na Internet que assumem a identidade de celebridades para interagir com os “fãs” do outro, ou apenas para publicar coisas sobre temas diversos. Há, ainda, outros que costumavam usar personagens de desenhos animados. Esses tipos de ações geralmente são usados para publicar assuntos controversos, porque dessa maneira é possível proteger a verdadeira identidade e pode digitar a maneira que ele/ela quer. Segata (2009) nomeia essa categoria de pessoa *fake* e em seu trabalho questiona “Quem não é fake?”. Além disso, é possível adicionar: Qual é a diferença entre vida real e virtual? Na verdade, mesmo na vida real, as pessoas fingem, usam máscaras para interagir umas com as outras. Desta forma, quem pode se considerar uma pessoa autêntica? Ou, até mesmo, o que é ser autêntico?

No entanto, na Internet, muitas pessoas usaram essa ferramenta como forma de promover *flashmobs* e demonstrações para criticar e conscientizar pessoas politicamente. Desde 2013, por exemplo, ocorreu no Brasil a maior demonstração de agrupamento promovida pelos estudantes das universidades por meio das redes sociais. Centenas de pessoas foram às ruas em quase todos os estados do Brasil ao mesmo tempo, contatados e conectados pelas redes sociais.

⁹ “o ‘eu’ é omnipresente no ciberespaço e no que agora é apropriadamente chamado de ‘mídia pessoal’. De ‘ITunes para ‘IPod para ‘IPhone, todo o mundo digital, e não apenas a Apple, está à disposição do pronome singular da primeira pessoa” (nossa tradução).

A moça também recebe o pedido de amizade do seu marido, Fred, fato que a faz pensar que a primeira coisa que ele fará é encontrar a ferramenta *Find Friends*, e enviar pedidos para todos os amigos, homens e mulheres da faculdade. Os amigos do Facebook poderiam ainda incentivá-lo a entrar na página Hooters.com.

É importante destacar que Hooters é uma rede de bares nos Estados Unidos e em vinte e sete outros países, famosos por garçonetes sensuais e carismáticas. A palavra ‘Hooters’ é uma gíria para seios, então, quando Emma usa a página do Facebook para Hooters.com como uma desculpa, ela receia a possibilidade dos outros imaginarem que seu marido perfeito visita páginas com conteúdo sensual. Ela delinea em sua própria linha do tempo, que Fred é perfeito, e, assim sendo, ele não pode visitar páginas com conteúdo sensuais. Entretanto, não se trata da sua relação matrimonial com Michel, mas o que os outros pensarão sobre isso.

Emma ainda faz considerações sobre Roswell, uma velha comédia de 1999 sobre alguns adolescentes que tinham uma missão: salvar o planeta. Max Evans, Isabel Evans e Michael Guerin são alienígenas que vieram morar na Terra. Emma pensou na possibilidade de alguém de seu Facebook fazer um grande favor para ela, ser um alienígena e abduzir seu marido das redes sociais.

Ela pontua que em seu Facebook só as mulheres podem ser suas amigas e seu marido é um alienígena. Na verdade, ser um alienígena é mais do que pertencer a outro planeta ou ser cidadão de outro país. Neste caso, o marido de Emma é um alienígena porque ele é completamente estranho, pelo menos em comparação com os outros amigos de Emma no Facebook. A presença dele em seu grupo, poderia fazer com que ela agisse diferente do que ela costuma ser, ou seja, vivendo de aparências apenas para agradecer seus amigos ou manter seu aspecto narcisista. Assim, se o marido faz parte do círculo de “amigos”, ela tem medo de ser desmascarada, porque, em teoria, ele é alguém que sabe como realmente é a vida dela.

Emma finalmente descobre uma solução. Ela poderia mudar o Facebook pelo Twitter e convidar todos os amigos para juntar-se a ela. Embora ela mude de rede social, seu padrão narcisista não muda. Emma continuará idealizando o marido e os acessórios cheios de futilidade.

Se ela se mudar para o Twitter, podemos considerar a raiz dessa palavra. O Twitter veio do *tweet*, que significa o som curto e alto que faz um pequeno pássaro. Isso justifica o slogan da rede social ser um pássaro e por que a quantidade de caracteres é menor do que outras. Emma, acredita que Fred não a seguirá para o Twitter, pois ele não saberia a diferença entre um *Tweet* e *Twerp*. O *Twerp* é uma maneira informal de dizer que uma pessoa é estúpida.

O sujeito demonstra sua identidade de forma privada e também em grupos que tem a ideia de pertencimento. Emma manterá ou inventará uma personalidade no novo sítio e estampará a vida perfeita novamente. Infere-se assim, que a personagem, assim como outros que se fragmentam

no ciberespaço, podem desenvolver complexos de socialização no mundo real, pois o cotidiano não é consequência direta de suas escolhas.

4 REFLEXÕES FINAIS

Emma e Fred, o casal do conto “My husband of Facebook” são personagens de ficção, mas eles possuem conexão com a vida real. Embora Emma faça um esforço para ser perfeita e ter uma vida perfeita nas redes sociais, ela não faz um esforço para se tornar verdadeira, onde realmente é necessário. Se o marido também resolve mudar do Facebook para o Twitter, talvez seja a oportunidade de mostrar-se para as coisas e enfrentar seu medo. Talvez o marido de Emma se juntou ao Facebook apenas para manter contato com ela, porque ela mesma afirma que passa muito tempo *on-line*.

Emma cria personalidades narcisistas *on-line*. A pessoa narcisista se sente como autossuficiente e vê os outros como público para compartilhar a beleza, a amizade e todas as outras qualidades que ele/ela tem. A moça pertence a este grupo, ela não é diferente; ela edita seu perfil, melhores fotos para vender uma imagem, que talvez não tenha.

Como Emma, há uma centena de pessoas em nossa sociedade que prefere o mundo virtual à vida real. Todavia, eles podem perceber que o ser humano pode cometer erros, mas afinal é normal repará-los. Assim, cometer erros também pode fazer a diferença na vida real porque é possível crescer, embora isso pareça ser utópico.

A literatura expressa o ser humano como personagem, que ele é, e “o escritor é criador de personagens que se incorporarão” nesses seres (BACCEGA, 2007). Ou seja, em “My husband on Facebook” temos a literatura atuando como extensão do ser ao relatar acontecimentos contextualizados nas relações reais da sociedade contemporânea com as novas tecnologias ao mesmo tempo em que o próprio conto, em meados dos anos 2000, fora disponibilizado *on-line* pelo escritor. Como mídia, a literatura representa e age rivalizando e se adaptando às novas tecnologias digitais. O conto demonstra, pelo primeiro canal e por sua temática, a relação ainda do ser com a *internet*. Por último, pensemos: caro leitor, você também está lendo este artigo por advento da *internet*!

5 REFERÊNCIAS

ABAJOULADE, E. **Virtually you: The dangerous Powers of the E-personality**. New York: W. W. Norton & Company, 2011.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: história de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 26º ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CONDE, Xavier Frías; LÓPEZ, Alfonso. Cyber-literature, micro-stories and their exploitation. **Ars aeterna**. Nitre: Univerzita Konštantína Filozofa, vol.4, no.1 2012.

FIORIM, J. L. Enunciação. In: **Cursos livres Univesp tv**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POa4RuzCSRm>>. Acesso em: 02/10/2013

HALL, S. Who needs identity? In: DU GAY, P., P., EVANS., J., REEDMAN, P. (eds.). **Identity: a reader**. Londres: Sage Publications, 2000, p. 15-30.

HARŤANSKÁ, Jana. On creativity and cultural awareness in foreign language teaching. **Ars aeterna**. Nitre: Univerzita Konštantína Filozofa, vol.4, no.1 2012.

KUEHL, Dan. From cyberspace to cyberpower: Defining the Problem. In: KRAMER, Franklin; STARR, Stuart; WENTZ, Larry. **Cyberpower and national security**. Washington: National Defense University Press, 2009.

MARTINEZ, L. Yana L. Draft on media as cultural aspect: as they show themselves and work in cooperation with each other, they show their time as social elements that they are. **Contraponto**. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 2017, p. 161-172

MUSKAT, M. **Consciência e Identidade**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

PARISE, R. J. “My husband on Facebook”. **Authors. Den**. Disponível em: <<http://www.authorsden.com/visit/author.asp?authorid=189539>>. Acesso em: 05 abril de 2013.

PARISE, R. J. **My husband on Facebook**. North Charleston: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013.

PRIMO, A. A busca por fama na web: reputação e narcisismo na grande mídia, em blogs e no Twitter. In: **Intercom**. Curitiba: 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/fama.pdf>> acesso em: 20 de outubro de 2017.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro e Luci Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SEGATA, J. E, quem não é fake? Sobre sujeitos no Orkut. **Revista eletrônica Portas**. Disponível em: <<http://www.acicate.com.br/portas/fake.pdf>>. Acessado em: 10 de setembro de 2017.

WILSON, V. Motivações Pragmáticas. In: **Manual de linguística**. MARTELOTTA, M.E.M. (Org). São Paulo: Editora Contexto, 2007. p. 87- 109.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. da (Org). 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Title

The ideal of the self: the narcissistic identity and the extratextual and intertextual cyberspace analysis based on “My husband on Facebook”

Abstract

The digital age has changed our habits. Virtual interaction has been facilitated and is seen as both beneficial and detrimental to society. Thus, it becomes increasingly necessary to research the relationships and implications of fast and easy communication through cyberspace and the way literature reacts to new technologies. The story “My husband on Facebook” relates events contextualized in the real relations of contemporary society with the new technologies while the story itself, in the mid-2000s, was made available online by the writer. As a medium, literature represents and acts by rivalling and adapting to new digital technologies. The story demonstrates, through the first channel and its theme, the relationship of being with the internet. This article aims at discussing the mediatic question, narcissistic identity and cyberspace both extratextual and intratextual from the tale written by Richard J. Parise. Therefore, the mediatic question and the myth of Narcissus are briefly revisited.

Keywords

Cyberspace; Midiality; Narcissism; Identity.

Recebido em: 25/10/2017

Aceito em: 25/11/2017